

Ashjan Sadique Adi  
Fábio Bacila Sahd  
(Orgs.)

ORIENTE MÉDIO E PALESTINA PESQUISADOS A  
PARTIR DO BRASIL: REFLEXÕES ACADÊMICAS,  
MARGINAIS E CRÍTICAS

1ª Edição Eletrônica

Uberlândia / Minas Gerais  
Navegando Publicações

2020



NAVEGANDO

## APRESENTAÇÃO\*

Ainda que o Oriente Médio esteja espacialmente muito distante de nós, brasileiras e brasileiros, milhares de quilômetros para além do Atlântico, ele está cultural e existencialmente muito presente em nossas vidas. Rompem barreiras e encurtam as distâncias vínculos étnicos, afetivos, religiosos ou políticos, a presença de imigrantes ou ainda uma cobertura midiática vaga e repleta de imagens de terror. Em muitos casos, a presença somente mediatizada ou mediada desse outro a partir de estigmas culturais muito difundidos reforça diferenças, abundando preconceitos e lugares comuns nas narrativas hegemônicas associadas a esse “místico” pedaço do “Oriente”, que é objeto ao mesmo tempo de fascínio, curiosidade, compadecimento, desprezo e medo. Comumente, povos árabes e islâmicos têm sido representados como os novos bárbaros que ameaçam a “civilização ocidental”, seja por meio de atentados ou de presença física cada vez maior no “Ocidente”, resultado de levadas de refugiados/as. Junto com estes/as, a islamofobia também tem se difundido gradativamente, o que reforça a necessidade de compreensão das temáticas médio-orientais.

Paralelamente, as diferentes realidades médio-orientais também têm sido objeto de estudos científicos no Brasil. No entanto, esta produção é muito pouco conhecida e difundida dentro dos próprios ambientes acadêmicos, quem dirá, pelo grande público. Não raro, em vez de encontrarem respaldo e motivação, graduandos/as desejosos/as de pesquisarem temas médio-orientais são desencorajados/as por possíveis orientadores/as, que os/as instam a mudar seu objeto de estudos, afirmando ser a temática muito distante ou complexa. Ainda assim, a despeito das enormes dificuldades, vêm crescendo as pesquisas realizadas nos diferentes níveis universitários, muito além do restrito eixo

---

\* DOI- 10.29388/978-65-81417-18-5-0-f.17-24

Rio-São Paulo, que obviamente concentra boa parte dessa produção, mas não a esgota.

Quem ousa pesquisar Oriente Médio no Brasil contemporâneo encontra hoje diferentes meios de acessar seus objetos. É inegável que se beneficiam do encurtamento das distâncias, diluição das barreiras espaçotemporais e interligação de realidades distintas por meio de mídias e redes sociais, resultado da crescente globalização. São vários os objetos e possibilidades de abordagem, que podem estar tanto concentrados na forma como a realidade “de lá” é vista do “lado de cá”, quanto localizados lá mesmo, e acessados diretamente ou por meio de intermediários, como literatura, testemunhos, cinematografia ou relatórios de grupos internacionais. Ao passo que, distintos meios de comunicação garantem uma maior aproximação dos objetos e viabilizam pesquisas, as distintas ciências humanas ofertam hoje múltiplas possibilidades de abordagem, e já não são tão poucos assim os pesquisadores e pesquisadoras com estudos concluídos na área, indo da linguística, psicologia social e relações internacionais à antropologia, sociologia e história. Portanto, os velhos pretextos quanto às dificuldades de se pesquisar Oriente Médio a partir do Brasil já não se justificam diante dos fatos, cabendo não só aceitar quanto incentivar estudos específicos.

Na presente obra, não temos a menor pretensão de passar em revista a produção científica brasileira acerca do Oriente Médio. Nosso intuito é, tão somente, dar visibilidade a pesquisas já concluídas ou em andamento, que tenham objetos circunscritos a essa realidade espacial e simbólica. Pretendemos com isso reforçar, sobretudo nos ambientes acadêmicos, a viabilidade e pertinência de pesquisas na área, incentivando novas empreitadas. Foi pedido a cada pesquisadora e pesquisador, ao ser convidado para escrever acerca de seus estudos sobre o tema, que deixasse explícito qual é seu objeto e método de abordagem, de modo a convencer o/a leitor/a ainda mais da factibilidade de se pes-

quisar Oriente Médio a partir do Brasil. No entanto, a opção majoritária foi por deixar tais procedimentos implícitos em seus textos.

O que une os capítulos do presente volume é o recorte temático e a brasilidade dos autores e autoras, que se encontram em diferentes níveis da pós-graduação, sendo estudantes ou professores/as, distribuídos/as por diferentes áreas das ciências humanas e sociais, desde a psicologia social até a antropologia, relações internacionais e história. Outro fator comum é a abordagem crítica em relação a seus objetos, nadando contra a maré do senso comum, contra o qual justamente se erigem as ciências humanas e sociais.

A opção por iniciar a coletânea de textos com meu capítulo se justifica por seu caráter de reflexão geral, que ajuda na nivelção dos/as leitores/as, sobretudo os/as leigos/as, que encontram ali uma apresentação, ainda que muito sucinta, de conceitos e perspectivas presentes nas demais abordagens, como colonialismo e orientalismo (este que, presente em quase todos os capítulos, é aprofundado nos textos de Nina Galvão e Soraya Misleh). Resgato uma de minhas primeiras pesquisas na área, que foi justamente sobre a cobertura midiática e representação do Oriente Médio, e faço uma análise autocrítica retrospectiva a partir de minhas pesquisas mais recentes sobre a Questão Palestina - que é o tema predominante nos demais capítulos (com exceção de Jamil Zigueib, Soraya Misleh, Felipe Barchi e Ashjan Sadique Adi/Roberto Fernandes), e está bem introduzido por Luciana Garcia. A escrita do livro “Oriente Médio desmistificado”, entre 2009 e 2010, foi motivada pela enorme discrepância e estranhamento entre as realidades estudadas e a forma como são representadas pela grande mídia. Se a qualidade dessa obra juvenil é questionável, a temática é de extrema relevância à medida que o grande público brasileiro, o que inclui os ambientes acadêmicos e midiáticos, é quase que completamente ignorante acerca dos assuntos médio-orientais, como a Questão Palestina, cujo imaginário acerca é formado pela intermediação dos grandes meios de comunicação, que acabam por reiterar, seja intencional ou

descuidadamente, narrativas sensacionalistas, fantasiosas e, não raro, maniqueístas. Inclusive, todos/as nós que pesquisamos Oriente Médio devemos nos dirigir a esse público leigo, o que faz com que, quase sempre, tenhamos que perder precioso tempo somente para introduzir o assunto e desconstruir preconceitos, antes que possamos versar com um mínimo de profundidade sobre nossos objetos específicos. Portanto, abordar novamente e já de início a formação desse imaginário e o papel das mídias hegemônicas - revendo criticamente os erros, acertos e limites de “Oriente Médio desmistificado” -, facilita o entendimento teórico dos demais capítulos, ajudando em uma leitura menos preconceituosa ou com menos estranhamento em relação às diferentes temáticas abordadas, que partilham de uma perspectiva crítica ao colonialismo e orientalismo.

Os capítulos foram reunidos em duas partes, sendo o critério de divisão, a ênfase temática, um tanto arbitrário. Obviamente, que outros arranjos seriam possíveis, como o agrupamento dos autores e autoras por área do saber ou a partir da escolha de objetos comuns, e que alguns capítulos bem poderiam figurar em ambas as partes, como o de Rafael Oliveira e Luciana Garcia. Feitas essas ressalvas, a primeira parte reúne os trabalhos que abordam, prioritariamente, temas ligados à “discriminação, opressão e resistências”, sem que haja um referencial teórico comum ou mesmo predominante.

Jamil Zigueib, partindo de referencial psicanalítico e da psicologia social, faz uma síntese das pesquisas que realizou com a comunidade xiita do sul do Líbano, em 2008, averiguando o grau do traumatismo individual e coletivo face aos bombardeios israelenses, de 2006. A partir de entrevistas, averiguou as disposições psíquicas e o papel da identificação grupal e de mitos fundadores no enfrentamento às situações catastróficas, dividindo os/as depoentes em três categorias: jovens não engajados/as politicamente, os/as mais velhos/as e os/as combatentes de suas milícias. As conclusões revelam a importância da identificação

mítica como fator de resiliência psíquica no enfrentamento ao traumatismo.

Rafael Gustavo de Oliveira, partindo de bibliografia especializada e de suas experiências de campo na Palestina, aborda as espacialidades simbólicas e territorialidades produzidas pelas realidades cambiantes do duradouro conflito, bem como as limitações nas liberdades básicas dos/as palestinos, sobretudo seu direito de ir e vir, e como isso impacta na representação dos territórios e em estratégias de vivência e resistência.

Em “Movimento político árabe palestino sob controle britânico: entre a mediação e o confronto”, Luiz Salgado Neto recorre a uma rica documentação de origem britânica e árabe-palestina, disponibilizada em acervos oficiais acessados, majoritariamente, via internet, analisando-os a partir de um método comparativo inspirado em José D’Assunção Barros. O autor compara a atuação de “notáveis” e “ativistas” palestinos/as, iluminando suas distintas táticas de resistência ao sionismo, superando assim as análises que reduzem o movimento palestino, no período, à atuação da controversa figura de Hajj Amin Hussein. Enquanto os primeiros são pensados como “elites mediadoras” (emprestando-se o conceito de Ronald Robinson), na interpretação das ações dos segundos, Salgado Neto recorre ao conceito de “política contenciosa”, pensado por Charles Tilly e Sidney Tarrow.

O capítulo do professor Renatho Costa aborda a situação dos/as “árabes-israelenses” ou “palestinos de 1948” no mercado de trabalho israelense. Fundamentado em bibliografia especializada e em estatísticas, aponta para uma situação de discriminação sistemática e ambiguidade na abordagem estatal, que não obstante algumas legislações progressistas, mantém a situação de desigualdade estrutural na participação no mercado formal. A questão do trabalho é relacionada à própria natureza étnica do Estado, apontado a dimensão mais profunda do problema. O autor opera uma revisão bibliográfica, contrapondo alguns autores que se debruçaram sobre o tema.

Em “Quando as ideias são apagadas: um Estado binacional na Palestina histórica”, Danilo Guiral Bassi propõe uma história dessa ideia, definindo conceitualmente essa formatação estatal, bem como periodizando sua trajetória na região ao longo do século XX. Partindo de bibliografia especializada em língua inglesa, também reflete sobre a circulação e o apagamento deliberado dessa proposta, demonstrando seu potencial como saída definitiva para o conflito.

Luciana Garcia de Oliveira, por sua vez, pensa as identidades e conflitos envolvendo palestinos/as na Diáspora, mais especificamente a perseguição e discriminação enfrentadas na Jordânia. Historiando o conflito, o surgimento e desafios do movimento nacional palestino, bem como sua afirmação identitária, a autora fundamenta seu capítulo em bibliografia especializada, tanto israelense quanto palestina, em fontes primárias e em material jornalístico.

A segunda parte do livro compila os capítulos nos quais há uma centralidade de questões ligadas a “representações, identidades e gênero”, sendo comum a recorrência a Edward Said, dentre tantos outros referenciais teóricos utilizado por autora e autor.

Partindo de referenciais como Norbert Elias, Frederik Barth e Benedict Anderson para compreender as entrevistas coletadas em trabalho de campo, Bárbara Caramuru aborda as disputas entre narrativas identitárias na comunidade palestina do Chile, apresentando como três grupos se autodefinem em relação a sua palestinidade e a dos demais. Suas reflexões apontam para a centralidade da chegada de palestinos/as, que viviam refugiados/as no Iraque, a partir de 2008, e como eles são percebidos/as e definidos/as pelos/as demais e por eles/as próprios/as.

Soraya Misleh, após uma breve revisão conceitual acerca do orientalismo, adentra nas reflexões teóricas feministas, considerando suas variantes e apontando para a necessidade de superação de sua limitada versão liberal por outras mais críticas e conseqüentes para o entendimento das realidades médio-orientais, como o feminismo anti-

colonial e islâmico. Para essa riquíssima empreitada, são mobilizadas várias autoras, notadamente, mulheres originárias de países de maioria islâmica, que buscam combater as representações toscas da mulher muçulmana como mais oprimida que a “ocidental”. Em seu intento de descolonizar também os estudos de gênero, Misleh dá visibilidade ao protagonismo de mulheres nas lutas travadas no Oriente Médio, em especial para as palestinas e outros casos do século XX e XXI, incluindo uma reflexão sobre gênero e literatura, à luz do feminismo anticolonial. A autora opera uma revisão de bibliografia especializada, mormente escrita na língua inglesa.

Nina Galvão parte de uma junção muito oportuna entre as reflexões de Norbert Elias, Vladimir Saftle e Edward Said para pensar a representação negativa dos/as palestinos/as no discurso sionista como um/a outro/a bárbaro/a, oriental, portanto, inferior/a, em contraposição a um nós, vitimizado/a e/ou representado positivamente como pertencente à “civilização ocidental”, logo, portador/a dos mais altos valores culturais. Ao lado de Elias, Saftle e Said, Galvão também trabalha com Freud, Arendt e bibliografia especializada, destacando-se Nurit Peled-Elhanan e Ilan Pappé, para refletir sobre o papel do medo na coesão social israelense e na justificativa da manutenção de um sistema de privilégios, discriminatório e opressivo, seja em relação aos/às palestinos/as de Gaza e Cisjordânia, seja em relação a sua minoria “palestina”, chamada de “árabes-israelenses” ou “palestinos de 1948”. A reflexão culmina em uma crítica aos “sionistas de esquerda” e ao papel conformador do exército israelense, formulada a partir do referencial teórico trabalhado, sobretudo o eliasiano.

Ashjan Sadique Adi e Roberto Mauro da Silva Fernandes introduzem seu capítulo com uma reflexão teórica sobre didática da história e terrorismo para, após desconstruírem preconceitos básicos em relação ao segundo tema, apresentarem dados acerca do evangelismo no Brasil e seu impacto na educação, analisando, mais especificamente, como livros didáticos de História, editados após o 11 de Setembro e



utilizados por escolas adventistas, abordam a temática do terrorismo e suas possíveis associações com os contextos islâmicos/árabes. Os autores se valem de bibliografia especializada, assim como de fontes primárias, apresentando outra possibilidade de pensar o Oriente Médio e suas temáticas a partir do Brasil: no caso, as representações do outro contidas em materiais didáticos.

Intento semelhante é perseguido por Felipe Yera Barchi em “O Islã por João Ribeiro (1918)”, que remonta aos primeiros livros didáticos de história, no início do século XX, analisando a representação do islã presente neles. Contextualiza o mercado editorial do período para pensar, especificamente, como e por que João Ribeiro aborda o islã em seu manual “História Universal” de uma forma padronizada.

Théssila Stellet analisa a história em quadrinhos “Palestina”, de autoria de Joe Sacco, pensando-a como mídia alternativa constitutiva de uma comunidade epistêmica. Destaca a importância desse tipo de construção discursiva como contraponto às narrativas oficiais, que se entrelaçam a interesses hegemônicos nas relações internacionais, consideradas por ela a partir da perspectiva “construtivista”. Para circunscrever seu objeto nesse universo conceitual, mobiliza autores diversos, indo de Edward Said a John Downing.

Esperamos, com a publicação dessa obra, contribuir tanto para incentivar novas pesquisadoras e pesquisadores quanto para dirimir preconceitos, inclusive acadêmicos, colocando, definitivamente, o Oriente Médio como objeto de pesquisa válido.

*Fábio Bacila Sahl*